



# UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO - MUSEU RONDON

## SIMPÓSIO SOBRE O FUTURO DOS ÍNDIOS CINTA - LARGA

CUIABÁ (MT)

CEDI - P. I. B.	
DATA 07, 08, 86	26-30/11/86
COD. CL 03	3

### REFLEXÕES APÓS UMA ATRAÇÃO

( APOENA MEIRELES )

No momento em que as futuras gerações colocarem em julgamento todos os crimes por nós cometidos em nome de um desenvolvimento econômico, nenhum deles causará maior revolta do que aqueles impetrados contra os nossos índios em geral.

Quatrocentos anos de sofrimentos, incompreensões e angústia, nossos índios suportaram com a dignidade dos realmente fortes, urge pois, que tomemos medidas urgentes objetivando de uma vez por todas o fim desse martírio imposto por nós e nossos antepassados.

Ao fitarmos os olhos duros, sofridos, porém ternos de um índio, sentimos que eles nos dizem muitas coisas. Os olhos de um índio nos falam de coisas tristes e belas, refletem todo um emaranhado de idéias, dúvidas; por vezes acreditamos até que nos pedem desculpas por existirem. "Viver é lutar com os fantasmas do próprio cérebro e do próprio coração".

Vivemos um momento histórico, e para vivê-lo é necessário acima de tudo coragem, coragem para permanecermos fiéis aos nossos objetivos, coragem para suportarmos com dignidade as pressões de grupos econômicos que pressionarão setores do governo contra nós, coragem para suportarmos as penas que nos serão impostas. É necessário acima de tudo termos plena consciência de que tudo o que fizermos, todo o sofrimento suportado, será bem pouco quando comparado pelo que passaram e passam nossos índios. Temos de ser dignos da causa que defendemos e mantermos viva a idéia de que o homem nada conta, quando o que está em jogo é o destino de um povo.

Sinto o peso da responsabilidade sobre meus ombros, mas não pedirei a ninguém que o divida comigo, ao aceitar o convite para falar sobre o destino dos Cinta Larga sabia de antemão os riscos que corria expondo as minhas idéias gerais, mas se aceitei é antes de tudo por que me sinto preparado para assumir responsabilidades, e nada, nem ninguém portará me de ter. Todos temos uma responsabilidade, aqueles que se omitirem serão julga-

dos amanhã como criminosos, pois a omissão em se tratando de História é o pior dos crimes. O momento tão esperado está chegando, ou chegou, não cabe a mim saber, após terminar a minha palestra, caberá às autoridades da FUNAI dar esta resposta, pois o que falar aqui sobre os Cinta Larga servirá para todas as heróicas nações indígenas.

O desenvolvimento econômico de um país nada representa se este país não alcança também o desenvolvimento social de seu povo e é este desenvolvimento conjunto o objetivo do governo. Infelizmente no Brasil, os grupos econômicos é que determinam a vida ou a morte de um povo, para eles, um boi vale mais que um ser humano, e nossos índios são constantemente transferidos de suas terras, férteis, virgens, para terras saturadas, cerrados miseráveis, simplesmente por que o homem aos poucos vai perdendo tudo o que de bom e honesto existia dentro de si, para dar lugar à ambição, ao desejo irrefreável de ganhar dinheiro, quando o que vale na vida não são os bens materiais acumulados, mas aquilo de válido e útil que deixamos para os que ficam. Ao morrermos não levamos nada material - que em vida tanto buscamos, o que ficará serão nossas atitudes, nossas palavras, o amor que dedicamos ao homem, este império incomensurável de - grandezas e mistérios.

Senhores, ao finalizar a abertura desta minha palestra, - deixo entregue a V. Excias. a responsabilidade pelo destino de nossos indios, deixo também um pouco de mim refletido na confiança ilimitada que deposito nos homens; peço entretanto, somente uma coisa para nossos indios: que doravante suas terras sejam respeitadas, que não seja permitido o uso da força para desalojá-los. Ao falar em força refiro-me não somente à força das armas, mas também à mais forte das forças, a força econômica.

co Ainda hoje, incidindo sobre os mesmos erros que já tiveram consequências desastrosas, no espírito da maioria dos ocidentais, a idéia de "civilizado" continua se opondo à idéia de "selvagem". Tem sido comum a valiar os povos primitivos usando como critérios o que lhes falta em oposição a nós, considerando a vida urbana como símbolo de refinamento em relação à vida rústica dos povos das florestas. Classicamente, a tecnologia tem sido concebida como o componente cultural mais fundamental, e é o uso desse critério que tem fornecido uma visão bastante deturpada da organização e do funcionamento da cultura tribal. Seu estudo mostrou que estava associada a uma tecnologia de baixo nível, uma estrutura social de alto grau de complexidade. Sua compreensão só pode ser alcançada se abandonarmos a análise con vencional da cultura dividindo-a em esferas distintas, pois a "primitividade" reside no fato de ser a estrutura tribal generalizada. A infra-estrutura tribal orienta-se para objetivos locais, donde a produção em pequena escala e a divisão de trabalho constituída a fim de atender às necessidades cotidianas. Nesse sentido, as famílias controlam os meios técnicos da produ ção, ou seja, os instrumentos são facilmente construídos e de disponibilidade ampla; sua manipulação é de conhecimento geral, habilitando a família a agir de modo autônomo. A produção atende a necessidades muito limitadas. A troca, quando existe na sociedade tribal, é a expressão de relações sociais, são transações baseadas em diversos tipos de reciprocidade. Resulta que o trabalho tribal não é alienado, mas sim o exercício de relações comunitárias portencentes à organização geral da sociedade, a qual não separa o homem que trabalha do ser social.

Sob o ponto de vista da organização na sociedade tribal, - suas unidades constituintes formam uma série inclusiva de grupos que se combinam progressivamente através de vários níveis de incorporação. A força de uma tribo repousa nos grupos menores onde há maior interação social e maior cooperação entre os membros. Usualmente cada nível de organização desempenha uma série de funções: econômica, ritual, política, etc. Em vez de setores se parados ou organizações independentes, na tribo as mesmas instituições podem desempenhar funções diferentes.

No contexto tribal, a religião é organizada em vários níveis e a prática religiosa está relacionada com a constituição social e os problemas de vida dos grupos. A natureza está dotada de um profundo valor simbólico, reflexo do mundo mítico. A própria não alienação do trabalho dentro do u

niverso tribal repousa no fato de que o homem e os objetos do seu trabalho estão unidos miticamente. Nesse universo, tudo que rodeia o homem representa o momento de uma única e indestrutível unidade, encontrando-se o indivíduo integrado nessa de toda a tribo à qual está ligado.

O indivíduo vem ao mundo num certo meio biogeográfico e num certo ambiente que é sempre relativamente moldado pelo grupo. Na satisfação de suas necessidades mais elementares, tais como nutrição, proteção e reprodução, o indivíduo é sempre fortemente condicionado pela cultura. A influência da cultura é exercida em todos os níveis da personalidade, tanto na satisfação das necessidades físicas do indivíduo como na vida intelectual e moral. Assim é que existem inúmeras variações adaptativas em ecótipos bastante diversificados. Essas adaptações tratam de relacionar o indivíduo com os elementos naturais ou artificiais de seu meio, através do conhecimento e das atividades. Uma vez que o status quo econômico exige um equilíbrio proporcional entre os homens e a atividade econômica, torna-se claro que qualquer cultura é dotada de grande plasticidade. Tomando qualquer cultura, por mais lenta que seja a sua evolução, esta não é, contudo, inteiramente estática.

No curso da História, é impossível considerar qualquer cultura isenta de mistura. As diversidades de experiências de povos diferentes capacitou-os a evoluir. O isolamento de um povo é causa de estagnação cultural. Nesse ponto é que o contato pode resultar em modificações fecundas. A fecundidade dos contatos nascerá quando o homem ocidental compreender que todas as formas de organização estão sujeitas a modificações e que é através do contato respeitoso com os outros povos que o homem ocidental poderá encontrar uma melhor compreensão de si mesmo. A falta de respeito resulta de um etnocentrismo ingênuo de nossa parte, proveniente do orgulho do desenvolvimento técnico de nossa civilização. A realidade inegável é que existem civilizações que num dado momento histórico se encontram dotadas de meios técnicos e que tendem a suplantar outras civilizações menos equipadas tecnicamente. Entretanto, a própria superioridade técnica resulta do conhecimento científico que é produto de experiências isoladas, longe de ser exclusividade de qualquer civilização. Por outro lado, a atitude mais comum nesses casos é a de repudiar as formas culturais que se afastam daquelas com as quais nos identificamos. Essa atitude implica não na admis-

são da diversidade cultural, na condenação de experiências que chocam, esquecendo que todos nós estamos em presença de sociedades contemporaneamente justapostas.

No caso das culturas primitivas, ninguém desconhece que dos contatos decorrem mudanças em vários níveis, e que tudo se desencadeia dentro de uma complexa rede de relações causais. Sabendo-se que essas culturas correspondem à maneira pela qual a sociedade exprime e satisfaz as suas aspirações, são inúmeros os fenômenos que decorrem do contato entre entidades étnicas.

Na realidade a civilização começa a atingir as culturas primitivas antes dos contatos diretos, primeiramente através das modificações ecológicas que paulatinamente acarretam a expansão econômica. As modificações e a destruição dos recursos naturais do habitat a que o sistema econômico tribal estava adaptado vem não só tornar ineficaz esse sistema, como também gerar mudanças nos padrões antigos. As dificuldades de obtenção de alimentos básicos como consequência da diminuição da fauna leva muitos grupos a um estado de subnutrição. A depopulação começa a ocorrer no momento em que as transformações dos padrões alimentares reduzem as resistências às enfermidades a que fatalmente expõe o contato. A alta mortalidade que ocorreu nos primeiros contatos entre os índios e os representantes de sociedades européias foi consequência do contágio, que continua ocorrendo em nossos dias. A própria condição de isolamento das populações tribais acarreta efeitos fatais ao experimentarem, pela primeira vez, doenças muitas vezes corriqueiras entre nós. Desse modo, os fenômenos ainda pré-aculturativos já encerram efeitos dissociativos. Nesse sentido, a introdução do aparato técnico do elemento civilizador vem alterar profundamente toda a economia tribal e consequentemente a organização social do grupo. Evidentemente novos instrumentos vêm satisfazer com muito maior eficiência as necessidades preexistentes, o que cria imediatamente uma situação de dependência em relação aos brancos, motivada pelo desejo de obtenção e renovação desses objetos. Além disso a introdução de novos objetos vem destruir o equilíbrio tradicional da divisão do trabalho, alterando a unidade mítica que unia o homem ao seu objeto de trabalho dentro do universo tribal.

A coesão do grupo, baseada na cooperação dos membros que tradicionalmente manuseavam os mesmos instrumentos de trabalho começa a se des-

fazer quando a aquisição de novos instrumentos vem ocasionar uma hegemonia individual ou mesmo grupal. A própria concepção da vida muda em decorrência da mudança da mentalidade econômica. Assim, o momento da situação interétnica, implicando na introdução de novos materiais técnicos vem, por um lado, alterar a estrutura e a coesão social do grupo, por outro lado, acarretar funções novas que já não podem ser satisfeitas pela organização de origem.

A própria diminuição do contingente populacional decorrente do contágio e das modificações ecológicas desorganizam sintomaticamente a sociedade.

O sistema de parentesco, é sabido, regula o comportamento tribal, estabelece regulamentações das atividades sexuais, prescreve casamentos e impõe regras de tratamento. Muitas vezes o sistema é altamente complexo. Conseqüentemente a depopulação ocorrida de uma maneira drástica, torna o sistema impraticável. Não sendo possível uma reorganização, a fragmentação da sociedade reflete-se no indivíduo de uma maneira trágica e bastante conhecida: entre nós continua arraigada a imagem estereotipada do índio preguiçoso, do índio incapaz. Entretanto, ninguém desconhece a importância da cultura como fator identificador da personalidade individual e por conseguinte, é inegável que a sua drástica transformação reflete-se de forma traumatizante no indivíduo. Tornam-se bastante claras as inúmeras dificuldades que, nesse ponto, o índio encontra para se integrar na vida econômica regional e na adoção de um novo regime de trabalho.

Essa imagem estereotipada decorre do nosso etnocentrismo, do nosso egoísmo e da nossa ignorância.

Ignoramos toda a importância dos valores tribais, das suas produções instrumentais e mesmo estéticas; todos os elementos que constituem os valores de sua auto identificação como índios.

No momento do contato entram em jogo os poderes de domínio e compulsão da sociedade mais evoluída que tendem a impor condições de subordinação e de dependência às sociedades tribais, variando de acordo com os agentes de contato e com os interesses econômicos da sociedade.

Ainda que teoricamente as transições possam ocorrer em vários níveis, muitas vezes otimistas e fecundos, temos visto que o que ocorre é a anulação do caráter do sistema cultural, é a integração nas camadas inferiores da nossa sociedade, é a incorrência nos mesmos erros do passado que -

nos tornam responsáveis perante a História. Conscientes da situação dessas camadas inferiores da nossa sociedade, nos é então permitido perguntar em que - integrar o índio.

Entretanto, já admitimos previamente que em todo o curso da História a adoção de novos elementos culturais tem sido a causa da evolução - das diversas culturas e das inúmeras civilizações que hoje povoam o nosso universo. É importante compreender que a adoção desses novos elementos deve ser feita de modo que o grupo receptor tenha tempo e preparo suficiente para in-corporá-los; redefinindo-se eles próprios; conciliando-os no seu contexto tribal e adestrando-se ao seu uso. Incorremos no erro de só nos interessarmos pelos sintomas, de desconhecermos os fatos, de encará-los fragmentariamente. Enquanto temos necessidade de urgência, porque o homem que sofre não está pen-sando no amanhã, mas quer agora uma solução.

### EDUCAÇÃO

É inegável o papel fundamental que a educação exerce no , processo de socialização do indivíduo. No processo de integração do índio à so- ciedade nacional, a educação deve ser encarada como um meio prático para a resolução de problemas fundamentais.

Já admitimos que os modos de conduta habituais assim como os meios de pensar e agir de uma sociedade consistem, em sua totalidade, na cul- tura, a qual é transmitida através da educação. Sabemos também que nenhuma - cultura é estática, ainda que sua evolução possa ser lenta. Por um lado a - ruptura dos valores culturais tribais tem se refletido no índio de maneira - dramática tanto do ponto de vista do individual como do grupo; por outro lado, podemos através do contato oferecer condições favoráveis ao desenvolvimento - da cultura do grupo em questão.

É evidente que a atual política desenvolvimentista do país e a própria expansão da sociedade nacional não deixarão lugar para a conserva- ção das culturas tribais. Mas é desumano e criminoso que essas culturas so- fram uma ruptura drástica, deixando seus membros em tal estado psicológico - que não lhes é possível nem assimilar os nossos valores nem reafirmarem os seus. Portanto, todo esforço educativo de nossa parte deve ser orientado no sentido de preparar o indivíduo para que possa, paulatinamente, integrar-se -

na nossa sociedade.

Devemos começar por respeitar os seus costumes tribais e a sua língua. A língua é um elemento de coesão entre os membros, e portanto, fator de solidariedade. Por outro lado a escola deve ter o propósito fundamental de ensinar o português. O ensino do português é o primeiro passo para a integração, insistindo que o respeito à língua nativa do grupo irá dotá-lo de coesão suficiente para sua auto-conservação.

Através da educação devem ser transmitidas as noções imprescindíveis de higiene, necessárias desde o momento em que ocorrem as primeiras modificações nos hábitos alimentares, no vestuário, etc. Devem ser transmitidas as noções gerais do país e da própria tribo, assim como da tribo na paisagem regional.

Com base no respeito às instituições e aos costumes tribais, a educação deve introduzir novas técnicas artesanais que permitirão o enriquecimento de elementos culturais de origem. Desse modo, não se trata de prolongar suas características culturais por meio de artifícios, mas sim de dotá-los de meios técnicos para desenvolvê-las ao mesmo tempo que as estamos respeitando como legítimas e dignas de seu povo.

Naturalmente o programa educativo seguirá um curso evolutivo de acordo com o grau de aculturação do grupo. Mas trata-se aqui do primeiro passo a ser dado com relação à educação, um passo decisivo no processo de integração.

Urge que sejam criadas escolas nesse sentido, as quais dentre outras coisas, servirão para proteger as novas gerações contra as discriminações e os preconceitos a que estão sujeitos certos índios já estereotipados pela população regional com que se acha em contato.

No momento em que aceitamos o relativismo cultural como fato histórico inegável, nossa consciência não pode aceitar passivamente que continuemos a desrespeitar os valores tribais.

A educação tem sido usada entre os índios como um meios instrumental para a imposição de ideologias. Nesse sentido, salvo algumas exceções, a ação missionária tem se mostrado ineficaz. A educação deve ser um meio de integração mas não um instrumento para imposição de valores.

As missões religiosas, com seus pontos de vista doutrinários levam as tribos ao desajustamento. Na maioria das vezes não se limitam a mudar o sistema religioso tribal, e tentam transmitir ao índio padrões



éticos de comportamento que para o índio não fazem sentido algum. Tomam as crianças a fim de através delas realizarem experiências de cunho educativo, desrespeitando no que há de mais grave o direito do homem à sua liberdade.

A ignorância de certos missionários, sequiosos de realizarem um trabalho de catequese tem tido consequências desastrosas. Desconhecem as instituições tribais, a organização das aldeias assim como o seu funcionamento.

Qualquer trabalho no setor educativo deve ser despretencioso, tem de estar apoiado numa ideologia de respeito aos povos tribais. Essa despretensão não pode existir quando se trata de trabalhos de catequese e tentativas de conversão.

Devemos considerar também que as sociedades tribais são tecnicamente inferiores a nós, mas que não temos nenhum direito de, incidindo em erros provenientes do nosso etnocentrismo, julgar ou criticar os valores de sua superestrutura.

Impõe-se neste momento a cada um, apresentar a sua colaboração, expor com coragem suas convicções íntimas sobre o problema dos nossos índios, para que esta reunião não se perca no vazio das elucubrações filosóficas.

A expansão econômica dirigida para a Amazônia não é simplesmente uma aventura inconsequente; o deslocamento planejado de homens, máquinas, técnicas culturais está em pleno processo, e este processo é irreversível. Devemos sugerir medidas que visem alertar a FUNAI sobre a necessidade de adotar-se normas de ação visando preparar nossos índios para enfrentarem e sobreviverem dentro de uma nova realidade sócio-econômica.

Ainda hoje se acredita que o índio brasileiro limita-se a assistir a ocupação de suas terras, e a sofrer passivamente os efeitos desastrosos de uma colonização aventureira, como ocorreu com os Cinta Larga no Aripuanã, que viram de um momento para o outro suas terras serem invadidas por colonos levados pela Cia. Itaporanga de Colonização. Todavia a História nos mostra que tal presunção está muito longe da verdade, nossos índios nos limites das suas possibilidades lutarão ardorosamente pelas suas terras, pela sua auto-determinação, pela liberdade que pretendemos arrebatá-lhes conjuntamente.

A previsão pessimista de muitos antropólogos, sertanistas, estudiosos, quanto ao futuro dos nossos índios, prende-se principalmente às alterações sofridas na política de terras adotada pela FUNAI, que procura conciliar dois interesses qual seja, o dos índios e dos grupos econômicos interessados nas terras deles.

Finalizando proponho que todos nos unamos, antropólogos, sertanistas, estudiosos, jornalistas, para uma frente unida, visando um só objetivo, reformularmos nossa política indigenista, criando condições para que nossa Amazônia seja ocupada, desenvolvida, sem que nossos índios desapareçam, que eles sejam participantes do nosso progresso, do nosso esperanças de darmos um fim às injustiças sociais, às misérias humanas, enfim, temos de compreender que nosso homem pobre do campo, das cidades, padece tanto ou mais que nossos índios.

A FUNAI que aproveite enquanto é tempo, a experiência, a dedicação de homens como Chico Meirelles, Orlando e Cláudio Villas Boas, Galvão, Roberto Cardoso de Oliveira e tantos outros para formar uma assessoria indigenista, pois na cúpula existem homens motivados que desconhecem entretanto o que venha a ser um posto indígena, uma expedição de atração, são homens que não possuem nenhuma experiência junto às comunidades indígenas. Para conhecermos tudo isso é necessário experimentar-se anos de isolamento num posto indígena, vivendo o dia a dia com o índio, aprendendo com ele, e nossos diretores vieram de outras áreas, necessitam ser assessorados por homens que viveram na mata, junto aos índios.